

VALLE-INCLÁN ENTRE O MODERNISMO E A GERAÇÃO DE 98: PROBLEMAS DE PERIODIZAÇÃO LITERÁRIA

VALLE-INCLÁN BETWEEN MODERNISM AND THE 98TH GENERATION:
PROBLEMS OF LITERARY PERIODIZATION

Raquel da Silva Ortega⁷

RESUMO: O objetivo deste estudo é refletir sobre a produção literária do escritor espanhol Ramón del Valle-Inclán (1866-1936) e sobre a classificação de sua obra nas escolas literárias vigentes na Espanha na transição entre os séculos XIX e XX. Naquele momento, escritores e intelectuais utilizavam a literatura como meio de reflexão sobre os problemas políticos do país, dando origem ao movimento conhecido como Geração de 98. Ao mesmo tempo, a publicação de *Azul* (1888), de Rubén Darío, dá origem ao Modernismo hispânico. É comum a crítica literária tentar classificar a Valle-Inclán ora como pertencente à Geração de 98, ora pertencente ao Modernismo. A partir da leitura da trilogia *La Guerra Carlista* (que ficcionaliza a série de guerras civis ocorridas ao longo do século XIX na Espanha) e considerando as ideias de Fuentes (2017), Mainer (2017), Burguera Nadal (1999) y Trouche (2008), percebemos a impossibilidade de classificar o autor, categoricamente, em um ou em outro movimento, uma vez que sua escrita cobra sentido e originalidade, ultrapassando, assim, a possibilidade de classificação nos movimentos espanhóis de sua época.

PALAVRAS-CHAVE: Valle-Inclán; Modernidade; Modernismo; Geração de 98; Periodização Literária

ABSTRACT: The aim of this study is to reflect on the literary production of the Spanish writer Ramón del Valle-Inclán (1866-1936) and on the classification of his work in the literary schools in Spain in the transition between the nineteenth and twentieth centuries. At that time, writers and intellectuals used literature as a means of reflection on the country's political problems, giving rise to the movement known as the Generation of 98. At the same time, the publication of *Azul* (1888), by Rubén Darío, gives rise to Modernism Hispanic. It is common for literary criticism to try to classify Valle-Inclán as belonging to the Generation of 98, now belonging to Modernism. From the reading of the *La Carlista* trilogy (which fictionalizes the series of civil wars that occurred throughout the 19th century in Spain) and considering the ideas of Fuentes (2017), Mainer (2017), Burguera Nadal (1999) and Trouche (2008)), we perceive the impossibility of classifying the author, categorically, in one or another movement, once his

⁷ Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil. Professora Adjunta da Universidade Estadual de Santa Cruz – Brasil. E-mail: rsortega@uesc.br.

writing becomes meaningful and original, thus exceeding the possibility of classification in the Spanish movements of his time.

KEYWORDS: Valle-Inclán; Modernity; Modernism; Generation of 98; Literary Periodization

1. *Considerações Iniciais*

Há um profundo debate sobre a não modernidade da Espanha, isto é, sobre a afirmação de intelectuais do final do século XIX e início do século XX (e também atuais) de que na Espanha não houve modernidade. De fato, se pensamos na modernidade europeia, francesa, considerada por muitos o modelo de modernidade, Espanha realmente não estaria inserida neste processo. No entanto, consideramos que não há apenas uma modernidade e sim modernidades múltiplas (EISENSTADT, 2000). No mesmo sentido, Habermas afirma que “não se pode falar em ‘uma modernidade’, mas ‘as modernidades’, como processos complexos que abrangeram vários níveis de ação e pensamentos humanos, os quais passaram por rupturas e transformações.” (apud CEDRO, 2005, p. 03-04). Assim, entendemos que os processos ocorridos na Espanha desde os séculos XIV/XV a inserem no caminho da modernidade. Uma modernidade diferente, alternativa e paralela, mas ainda assim, modernidade, o que nos possibilita várias possibilidades de interpretação. Ao mesmo tempo, os movimentos literários que surgem na Espanha na transição entre os séculos XIX e XX – Modernismo e Geração de 98 – apresentarão características peculiares por estarem relacionados a uma modernidade peculiar.

Neste contexto, o escritor espanhol Ramón del Valle-Inclán (1866-1936) inicia sua produção literária, que passa por constantes tentativas de classificação como pertencente ao Modernismo ou à Geração de 98.

2. *Modernidade, Modernismo, Geração de 98*

A trilogia *La Guerra Carlista*, escrita por Valle-Inclán, foi publicada entre os anos 1908 e 1909. Nesta obra, o autor ficcionaliza o evento histórico das

Guerras Carlistas, constituído por três guerras civis desencadeadas pela disputa entre Carlos V e sua sobrinha, Isabel II, pelo trono da Espanha. Por trás do conflito familiar, havia o conflito de “las dos Españas”: de um lado, uma Espanha antiliberal, nacionalista e católica, defensora da monarquia e que vê na figura de Carlos V um expoente da sua causa. Do outro lado, uma Espanha liberal, constitucionalista, que se inspirava nos valores revolucionários, como separação de poderes, estado laico e liberdade de expressão. Este grupo, por opor-se ao primeiro, declara apoio a Isabel II.

As tensões políticas causadas pela disputa entre estes dois grupos perduram ao longo dos séculos XIX e XX e se desenvolvem no marco das discussões sobre a modernidade na Espanha. A partir da metade do século XIX, as mudanças nos modos de vida geram o descentramento, deslocamento e/ou desfragmentação das identidades estabelecidas e firmes até então.

Este descentramento ocorre em diferentes aspectos. O primeiro é a fragmentação dos aspectos culturais de classe, gênero, religião, raça e nacionalidades que até aquele momento situavam com segurança o papel do indivíduo na sociedade e no mundo. Por outro lado, as identidades pessoais são transformadas, o que altera e coloca em dúvida a ideia que os indivíduos têm de si mesmos como sujeitos completos e oniscientes. A perda do sentido de si, do seu lugar no mundo e do seu papel social é o que Stuart Hall define como deslocamento ou descentração do sujeito (HALL, 2001, p. 08-09). Este deslocamento do sujeito começa com o surgimento da industrialização e dos novos caminhos da ciência, uma vez que alteram o ritmo de vida, criando novos ambientes e destruindo os antigos.

Além do indivíduo, a modernidade e a ruptura com o antigo também afetam a paisagem e os valores, que passam a integrar as construções típicas da industrialização: edifícios, tijolos, asfalto, chaminés, fumaças etc. A paisagem urbana adquire mais importância que a paisagem rural. Em relação ao comportamento, o indivíduo se encontra em um momento de perda de valores.

Diante desta perspectiva, o homem moderno se vê sem rumo, já que o que ele conhecia não existe mais e desta maneira não consegue prever o que está por vir. Se o homem moderno não conhece mais as instituições que o cercam não tem condições de traçar planos futuros. Seu futuro escapa de suas mãos e passa a pertencer à modernidade.

É notório que a modernidade afeta não apenas as estruturas mais concretas da sociedade, mas também o que há de mais subjetivo: as sensações e os sentimentos humanos.

Berman (2003), em seu estudo sobre a modernidade, enfatiza justamente a questão da experiência do homem moderno diante dos novos tempos:

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz. (BERMAN, 2003, p.12)

Para o autor, a experiência do homem moderno remete à relação com o tempo e o espaço, consigo mesmo, com os outros e com o novo. Esta relação permite novas experimentações, possíveis graças às mudanças originadas pela modernidade. Isto não seria negativo, ao contrário, possibilita novas possibilidades de pensamento: “A moderna humanidade se vê em meio a uma enorme ausência e vazio de valores, mas, ao mesmo tempo, em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades.” (BERMAN, 2003, p. 22).

Podemos considerar como uma destas experimentações o trabalho realizado pelos escritores que se propuseram refletir a modernidade em seus escritos literários. Para Berman, os autores do século XIX e início do século XX, modernistas, combatem os novos tempos pois acreditavam que a modernidade

mecanizava as pessoas. Com isso, vemos que as questões da modernidade chegam à produção artística. Para reelaborar na literatura as discussões e as críticas contra a modernidade, os escritores precisam recorrer a diferentes elementos estéticos que possibilitem, na escrita, o alcance dos seus objetivos. Berman considera, então, que a principal figura utilizada por esses autores para concretizar sua crítica é a ironia: “A ironia moderna se insinua em muitas das grandes obras de arte e pensamento do século passado (XIX); ao mesmo tempo ela se dissemina por milhões de pessoas comuns, em suas existências cotidianas.” (BERMAN, 2003, p. 12). Além da ironia, o autor sinaliza também o que ele chama de paródia do passado, que consiste em recuperar eventos históricos passados, considerando que eles comportam verdades que poderiam auxiliar na compreensão do presente moderno (BERMAN, 2003, p. 19). Vemos aqui claramente como Berman antecipa, em seus estudos, o conceito da antimodernidade, uma vez que percebemos que sua visão sobre os modernistas corresponde ao que Compagnon denomina como antimodernos, como será aprofundado mais adiante.

A ênfase de Berman nas sensações contribui para relacionar suas ideias sobre a modernidade com o momento vivido na Espanha na transição entre os séculos XIX e XX.

Quando Valle-Inclán inicia sua produção literária em 1895 com a publicação de *Femeninas*, Espanha estava imersa em plena crise de fim de século que, de acordo com Hinterhäuser (1997), estava relacionada às sensações suscitadas pelo contexto histórico do final do século: consciência da decadência, pessimismo e angústia pelo desconhecido, com um sentimento de expectativa de uma catástrofe mundial (HINTERHÄUSER, 1997, p. 39).

No caso específico da Espanha, além da inquietação que ocorre normalmente nas viradas de século, somam-se os acontecimentos consequentes dos eventos históricos que ocorreram ao longo do século XIX: as guerras civis, incluindo o carlismo; a revolução *La Gloriosa* (1868) que uniu

progressistas e democratas na tentativa de derrubar Isabel II; a proclamação de um novo rei e seu assassinato em 1871; a proclamação da república, com a sucessão de quatro presidentes entre os anos 1873 e 1874; o golpe de estado promovido pelo General Pavía que inicia a política da Restauração Monárquica, que restabelece o poder ao filho de Isabel II, Alfonso.

Contudo, de todos os acontecimentos do período, o que mais impacta foi a perda das últimas colônias americanas. Ao longo do século XIX, Espanha perde, aos poucos, seu império ultramarino, a partir de várias guerras de independência impulsadas principalmente pela política praticada pelos Estados Unidos, que havia iniciado uma política de expansão internacional com interesse nos países latino-americanos, inviabilizando, graças ao seu grande poderio bélico, qualquer tentativa de resistência da Espanha. As frotas marítimas espanholas são derrotadas em 1898, mesmo ano em que Espanha também concedia a independência de Cuba e entrega o domínio de Porto Rico, Guam e Filipinas para os Estados Unidos.

O cenário político da época, unido às perdas do império ultramarino, causam um grande mal-estar no povo espanhol. Sobre este momento, Rafael Barrett irá afirmar que a Espanha é um país doente, que entra em decadência devido aos fracassos políticos (tanto monarquia quanto república) e a atuação do clero e do exército, sendo este último fraco e, conseqüentemente, responsável pelas derrotas militares (apud CORRAL, 1994, p, 89).

Em meio a este cenário inicia-se uma intensa produção intelectual e literária na Espanha, que será categorizada em dois grupos – Geração de 98 e Modernismo, que, apesar de serem contemporâneos e dialogarem entre si, tradicionalmente são apresentados de maneira dicotômica e enfrentada, enquanto os escritores da época são classificados, muitas vezes de maneira taxativa, em um ou outro grupo.

Normalmente, os manuais de literatura e muitos teóricos consideram os dois movimentos independentes, apesar do diálogo evidente entre eles.

Apresentaremos, a continuação, suas definições por separado e a discussão da questão da periodização, para então situar a escrita de Valle-Inclán nesta problemática.

O termo Geração de 98 é criado por Azorín para se referir a um grupo de escritores com preocupações em comum e formação cultural semelhante (CHABÁS, 1952, p. 08). Estes escritores estão unidos pelo descontentamento gerado pelas consequências negativas dos acontecimentos políticos. A perda das colônias americanas e a política da Restauração suscitam uma tomada de consciência de que era necessária uma reação. Como eram intelectuais e escritores, reagem desde o seu lugar social, sugerindo assim uma renovação estética:

Essas tentativas de ruptura se intensificariam no fim do século, especialmente quando o desastre militar e político da guerra com os Estados Unidos, em 1898, permitiu que os intelectuais mais críticos explicitassem a necessidade de mudanças. Nesse impulso abre-se o caminho para a renovação dos gêneros literários, que teria lugar em três tempos e que se efetivaria de maneira brilhante e duradoura na poesia lírica (...). (GONZÁLEZ, 2001, p. 28-29)

Essa tomada de consciência política leva Molina a afirmar que a origem da Geração de 98 é essencialmente política, mas se expressa a partir da literatura, conferindo assim um caráter literário-político a este grupo (MOLINA, 1968, p. 137).

De acordo com Díaz-Plaja, a Geração de 98 apresenta 5 características fundamentais:

1. Pesimismo patriótico. – Conduce a dos postulados:
 - a) La patria no debe ser cantada aparatosamente puertas afuera (...)
 - b) España debe ser conocida en sus bellezas olvidadas (...)
2. Europeización. – El pesimismo patriótico de los hombres del 98 los lleva a importar ideas literarias, filosóficas e políticas de la Europa de fin de siglo (...)
3. El Autodidactismo. – A diferencia de los orientadores posteriores de la cultura española, que son de formación notadamente

universitaria, los escritores de esta generación son autodidactos y batalladores (...)

4. La rebeldía. – La Generación del 98 rompe con la generación precedente. Toda su labor está presidida por una noble ansia renovadora (...)

5. Estilo apurado. – Rehuendo la retórica romántica (...) los escritores del 98 se aplican a un estudio concienzudo del lenguaje, aprovechando el sentido etimológico de las palabras (...). (DÍAZ-PLAJA, 1971, p. 471)

Além dessas características, André Trouche (2008) ressalta também outros aspectos que considera fundamentais:

De esa manera, te será fácil comprender que los noventayochistas buscarán la esencia del pueblo español por dos caminos: uno, desde un aspecto antropológico; otra vertiente será el factor literario que conducirá al Quijoteo: eso se justifica por ser la obra sobre la que gira el autoconocimiento del hombre español. Esa búsqueda de conocimiento de la esencia española llevará a los escritores del 98 a la contemplación de los paisajes y, principalmente, de todo aquello que, en su momento, configuró la gloria de España. Para estos escritores, estos paisajes son un reflejo del carácter y de la cultura española. (TROUCHE, 2008, p. 127)

A busca pela essência do povo espanhol, além da releitura do passado, levará Unamuno a formular a ideia da *intra-historia*, que desenvolveremos mais adiante neste estudo.

Quanto ao modernismo espanhol, existe o consenso de que o movimento literário surge na América Latina, com a publicação da obra *Azul* (1888), do escritor nicaraguense Rubén Darío, sendo levado posteriormente para a Espanha. É contemporâneo da Geração de 98 e García López (2009) afirma que não havia entre os dois movimentos uma absoluta separação (GARCÍA LÓPEZ, 2009, p. 632). Poderíamos considerar que García López antecipa a problemática da periodização da literatura espanhola, mas o sintagma “no hubo una absoluta separación” evidencia que, apesar de reconhecer uma ligação intrínseca, ainda os considera movimentos separados.

Inspirados no livro de Rubén Darío, os escritores espanhóis considerados modernistas também irão responder aos acontecimentos do final

do século XIX através dos seus escritos, mas com características diferentes atribuídas à Geração de 98.

De maneira bastante didática, García López “reduz a esquemas” os temas, o estilo e as características do modernismo. Para o autor, a temática modernista se resume a invocação histórico-legendária e a expressão do mais íntimo:

El poeta modernista huye de lo vulgar y cotidiano y se refugia en un mundo irreal donde todo viene a complacer su deseo de belleza absoluta. La historia y la tradición legendaria le sirven de base para *fastuosas evocaciones de lejanos ambientes y épocas remotas* a los que la imaginación reviste con los más suntuosos colores, Por sus versos pasan en rutilante desfile héroes de gestas, princesas chinas, ninfas y faunos de la Grecia clásica, sultanes orientales, guerreros y trovadores de la Edad Media, galantes cortesanos de Versalles..., a los que el poeta encuadra en escenarios adecuados – la silenciosa pagoda, la selva mitológica, el perfumado harén, el castillo encantado, el jardín dieciochesco, etc. -. Todo ello nos recuerda el Romanticismo, pero ahora se procura huir del exotismo fácil de aquella época, ampliando los temas y buscando las notas más raras y exquisitas.

Junto a la fantasía, el sentimiento predominante será una *lánguida tristeza impregnada de vagos anhelos*, a menudo más literaria que auténtica. Se pone de moda la melancolía y los poetas sienten un placer morboso en dar libre paso a su inefable y refinada nostalgia en un ambiente otoñal de jardines dolientes y flores marchitas. (GARCÍA LÓPEZ, 2009, p. 633-634, grifo do autor)

Quanto ao estilo, o autor enfatiza a importância do uso da cor e da música, seja para retratar paisagens, seja para refletir estados de espírito (GARCÍA LÓPEZ, 2009, p. 634).

Assim como Díaz-Plaja lista as características da Geração de 98, García López também lista as características do modernismo: 1) tom aristocrático: resposta ao sentido burguês da segunda metade do século XIX, os modernistas fogem do vulgar e buscam matizes mais elaborados; 2) culto à beleza sensorial: recusa ao descuido da forma (comum no século XIX) e valorização das sensações; 3) expressão do subjetivo: não estavam interessados em uma expressão objetiva da realidade e sim a expressão de sentimentos íntimos e da

fantasia; 4) ambientes irreais ou eróticos: como forma de escapar da descrição crua do cotidiano, evocando, para isso, ambientes idílicos e imaginados; 5) arte pela arte: não consideravam a escrita um veículo para a denúncia ideológica ou social, resgatando novamente a ideia da literatura com valor pelos seus elementos artísticos (GARCÍA LÓPEZ, 2009, P. 632-633).

A busca por ambientes exóticos leva os escritores do modernismo a recuperar o ambiente medieval quando os árabes habitavam a Península Ibérica, incorporando elementos pré-hispânicos como parte da ancestralidade do povo espanhol (TROUCHE, 2008, p. 136-137), recuperando também as questões históricas relativas a este momento, como a reelaboração do poema del Cid, por considerar aquele momento histórico característico e determinante para a constituição do povo espanhol (TROUCHE, 2008, p. 141).

Esta descrição dicotômica da Geração de 98/Modernismo ainda é presente, de forma majoritária, tanto em estudos teóricos quanto em outros tipos de materiais (manuais de literatura em geral, para estrangeiros etc.). Ao fazer esta diferenciação, seus autores acabam realizando também a classificação de Valle-Inclán como pertencente a um destes grupos.

3. Valle-Inclán entre o Modernismo e a Geração de 98

Na sua obra clássica, Valbuena Prat (1960) afirma que a diferença entre modernismo e geração de 98 “era esencialmente de estilo y visión del mundo más que cronologías” (VALBUENA PRAT, 1960, p. 517). Para ele, Valle-Inclán era modernista, o que era justificado pela sua amizade com Rubén Darío, pela sua aparência quixotesca e pelo ambiente pitoresco e supersticioso da Galícia onde vivia (VALBUENA PRAT, 1960, p. 519). Defende, categoricamente, que Valle-Inclán é modernista e não da geração de 98:

Cronológicamente pertenecía a la misma “generación del 98” (...). Después de Unamuno, era el de más edad. Pero si su deseo de renovación – aquí, literaria –, le unía a ellos, ni su posición crítica, en los géneros cultivados, ni el estilo coincidían. Valle-Inclán, el gran

modernista, en sus primeros versos, en la refinada prosa de su primer estilo, nada tiene que ver con los “supuestos” de los noventayochistas. Hasta es un “frente”, como en el discriminador libro de Díaz-Plaja. Falta en Valle, el típico libro de *ensayos* de los otros (hasta en el mismo Baroja, aunque a su modo y en su especial *egolatría* juvenil, no falta). Si escribe Valle algún libro que no sea lírica, novela o teatro, queda una prosa demasiado externa, y que en nada se parece al ensayo del 98 (VALBUENA PRAT, 1960, p. 519, grifo do autor).

García López também é taxativo ao defender a filiação de Valle-Inclán ao modernismo, como seu artista mais ilustre:

Aunque ciertos críticos suelen incluir a Valle-Inclán en la generación del 98, poco tiene que ver con ella. No hay en sus primeras obras preocupaciones de índole intelectual o moral ni afán de reforma política ni fervor por la tradición o el paisaje de Castilla ni esa sobriedad de estilo tan típica de un Baroja, por ejemplo. Su producción inicial, por el contrario, *sólo revela interés por el arte y la belleza literaria*. Ello y el haber creado un estilo en el que los valores musicales y pictóricos tienen un papel decisivo lo sitúan dentro del modernismo, del que viene a ser el prosista más significativo. Hay que advertir, no obstante, que si bien sus comienzos acusan la influencia de la estética modernista, las últimas obras revelan un cambio de sensibilidad (DÍAZ-PLAJA, 1979, p. 643-644, grifo do autor).

Por outro lado, Chabás defende a filiação de Valle-Inclán na geração de 98, “aunque descuidado de las preocupaciones políticas y sociales de sus compañeros” (CHABÁS, 1952, p. 125). Zambrano (2001) afirma que se a geração de 98 tivesse uma figura central, certamente seria Valle-Inclán (ZAMBRANO, 2001, p. 01). No seu estudo sobre a geração de 98, Laín Entralgo (1967) inclui Valle-Inclán como pertencente a este grupo. Castañeda Iturbide considera que Valle-Inclán pertencia e era amigo desta geração (CASTAÑEDA ITURBIDE, 2012, p. 79). Trouche afirma que, apesar de sua forte individualidade, Valle-Inclán pertence à geração de 98 por ter preocupações comuns e atitudes literárias semelhantes ao grupo (TROUCHE, 2008, p. 126). De maneira contraditória, Burguera Nadal (1999) reconhece a dificuldade de

caracterizar a obra de Valle-Inclán de acordo com seu estilo, para logo em seguida situá-lo como pertencente à geração de 98:

Es muy conocido el hecho de que la obra de Valle-Inclán no puede ser caracterizada por una conciencia unificadora de estilo. (...) Todo ello indudablemente como reacción contra la estética imperante y con un gran deseo de renovación y de cambio, al igual que sucede con el movimiento del 98. (...) El pensamiento y las actitudes de lo que todavía no era conocido como generación del 98 están ya muy presentes en esta etapa del autor. (BURGUERA NADAL, 1999, p. 212-213)

Pedro Salinas (1961) afirma que Valle-Inclán é o filho pródigo da geração de 98. Mesmo classificando o autor em um dos grupos (o que evidencia uma visão em separado do modernismo e da geração de 98), Salinas inicia a discussão sobre a problemática da periodização da literatura espanhola, o que ele chama de “el conflicto entre dos espíritus”:

(...) en 1900 empieza un siglo nuevo y se inicia una nueva expresión literaria. Los escritores novecentistas traen a las letras una decidida voluntad de renovación. Dos rótulos suelen ponérseles: “generación del 98” y “modernismo”. Los dos exactos representan sendas, direcciones que toma el esfuerzo renovador de la literatura. Hay que distinguir lo específico de cada una de ellas; parece hoy evidente que son cosas distintas. Y sin embargo, al distinguir las conviene no mirarlas como tendencias divergentes o exclusivas. Porque, salvo en algún caso excepcional, todos los nuevos escritores participan en la estructura espiritual de esos dos elementos constitutivos de la generación, y son un tanto “98”, y un tanto “modernistas”. Lo que varía, únicamente es la proporción. Así tomada, como una integración de los dos impulsos, la generación del novecientos trasciende del simple carácter de una escuela literaria y se nos presenta con mayores proporciones. Es en realidad una nueva actitud del artista y del intelectual español ante los problemas espirituales que con tanta urgencia le acosan en esta fecha histórica. Un nuevo modo de pensar corre parejas con un modo nuevo de sentir. Tras ellos vendrá, irremisible, otra manera de escribir, otra literatura. Afinar nuestra sensibilidad, ésta es la misión nueva, dirá Azorín. Aprender a pensar con más rigor y severidad, defenderá Ortega y Gasset. Escribir con más arte y más gracia, será el lema de Valle-Inclán. La novedad y riqueza de la literatura de 1900 está precisamente en proporción con esa variedad de afluencia, que concurre, cada cual con su caudal propio, a la formación de un

espíritu literario mucho más complejo, profundo y refinado que el de la generación anterior. (SALINAS, 1961, [19??])

Trouche relaciona as ideias de Salinas com a denúncia de Gullón (1969), que constatou ser um erro a separação entre modernismo e geração de 98, pelo menos no que diz respeito à literatura. Segundo ele, a partir dessa constatação, a crítica começou a encarar os dois movimentos como “dos caras de la misma moneda”: “Modernistas y noventayochistas, en verdad, dan forma a una reacción literaria que imprime carácter y sentido a la evolución del pensamiento a fines del siglo XIX” (TROUCHE, 2008, p. 133).

De fato, no estudo realizado por Alvar, Mainer e Navarro (2012), os autores comentam a dificuldade que é atribuir a campos diferentes o trabalho de escritores que coincidem em temática e em propósito:

Resultó luego que no era tan fácil atribuir a campos diferentes cosas que en todos los escritores aparecen, como se verá, en amalgama más confusa pero también más incitante, lo que redundó en desprestigio del marbete generacional y en consolidación del término *modernismo*. Se buscó, al cabo, una solución onomástica de convergencia – *crisis de fin de siglo* – que, por otra parte, pudiera enlazar con una panorámica más universalista. (...) (ALVAR, MAINER & NAVARRO, 2012, p. 543, grifo do autor)

Os autores não negam a existência nem a importância dos dois movimentos, no entanto, relativizam a essência espanhola do problema de 98, afirmando que, mais que interno, foi um problema universal:

En rigor, la tan traída y llevada crisis española de 1898 tuvo caracteres muy universales. La misma derrota colonial y su correspondiente digestión dolorosa fue parecida a la crisis portuguesa del “ultimátum” británico de 1890, a la italiana que sucedió a la derrota en la batalla abisinia de Adua (1894), a la francesa que siguió a la quiebra de la compañía constructora del canal de Panamá (1900) y a la citada revolución rusa de 1905 tras la guerra ruso-japonesa (1904). (...) Y en todos también la profesión artística vio dos nuevas formas de inserción en una vida social cada vez más compleja: la actitud bohemia y la presencia intelectual. (ALVAR, MAINER & NAVARRO, 2012, p. 549)

Mainer (2017) ainda comentará que, apesar de toda essa discussão, nos dias de hoje ainda estamos presos a classificação da geração de 98 que, na sua opinião, contém “toda suerte de vaguedades historiográficas, simplificaciones ideológicas y entusiasmos patrioteiros.” (MAINER, 2017, p. 01)

Em outras palavras, o problema de 98, tão defendido como essencialmente espanhol, na realidade forma parte de um processo político maior, que ultrapassa os limites da Espanha e que é consequência dos conflitos que ocorreram no mundo durante o processo de troca hegemônica de dominação de terras e colônias. Do mesmo modo, a resposta intelectual também corresponde ao que aconteceu no resto do mundo, com movimentos literários que combinam vontade estética e análise política. Por conseguinte, a produção literária do final do século XIX e início do século XX também está relacionada a algo maior do que apenas um problema político interno.

Sendo assim, percebemos que defender a classificação de Valle-Inclán como autor da geração de 98 ou do modernismo não foi uma decisão acertada por parte dos críticos, uma vez que limitou ao território nacional a escrita do autor, que potencialmente ultrapassa, tanto em conteúdo como em forma, as questões meramente nacionais e se insere no pensamento da modernidade.

A trilogia *La Guerra Carlista* apresenta elementos que poderiam levar-nos a classificá-la tanto como pertencente à geração de 98 quanto ao modernismo. Apesar de nunca ter escrito um livro de ensaios no qual refletisse de maneira objetiva sobre os problemas nacionais, como ressaltou Valbuena Prat (1960), a questão política é constante na obra de Valle-Inclán e está presente nesta trilogia, começando pela escolha temática. Ao trazer para a ficção a guerra civil que comporta em suas causas o conflito entre liberalismo e conservadorismo, responsável pelas consequências negativas que levam a Espanha ao fracasso no final do século XIX, o autor automaticamente se vincula à geração de 98, apesar de não ser uma filiação absoluta.

Ao mesmo tempo, de acordo com Fuentes, o modernismo também servirá a Valle-Inclán para dar lugar à crítica política, uma vez que ele afirma que “El Modernismo sirvió a Valle-Inclán para expresar el ocaso del peculiar y poco glamuroso *Ancien Régime* hispano” (FUENTES, 2017, p. 07). Em outras palavras, o modernismo serviu aos objetivos estéticos do primeiro momento da produção literária de Valle-Inclán, ainda que, assim como ocorreu com a geração de 98, também não foi uma filiação absoluta.

O primeiro aspecto que nos leva a associar a trilogia à geração de 98 é a questão da paisagem, da busca da essência espanhola e do que possa rememorar as glórias passadas. Grande parte da produção literária de Valle-Inclán – *Femeninas*, *Epitalamio*, *Flor de Santidad*, as *Sonatas*, *Jardín Umbrío*, *Corte de amor*, *Comedias bárbaras*, entre outras – está ambientada em províncias distantes do centro do país (no caso, Madri). Curiosamente, as obras ambientadas em Madri são as que apresentam maior grau de deformação pelo esperpento, evidenciando o deslocamento em relação aos cenários (campo para cidade, idílico para grotesco) aliado à evolução da sai escrita.

A ação de *La guerra carlista* ocorre na Galícia (*Los Cruzados de la Causa* e *Gerifaltes de Antaño*) e em Navarra (*El Resplandor de la Hoguera*). Em *Los Cruzados de la Causa* temos a recuperação do cenário de Viana del Prior, presente em outras obras do autor ambientadas naquela província, como *Flor de Santidad*. Naquela localidade, temos terras antigas (2008a, p. 81), igrejas antigas e primitivas, clima de mistério milenar, com jardins senhoriais (2008a, p. 90). Já os habitantes do lugar possuem alma infantil e pastoril:

Acurrucada en el banco, limpiábase los ojos con los puños y alentaba menudamente, sofocando una congoja. Su alma de aldeana gustaba una emoción infantil y feliz, algo que le recordaba el son de los rabeles en un villancico de pastores. La Madre Abadesa volvió a reclinarsse en su sitial, abría y cerraba con dedos distraídos los broces del Horario. Después, levantando los ojos hasta la monja, que alumbraba cerca del sillón, murmuró queda y piadosa:

- Hermana, ¿ha reparado qué inocente corazón? Tiene la simplicidad de aquella lega cuya historia refiere nuestra Madre Santa Clara. (VALLE-INCLÁN, 2008a, p. 157)

Para legitimar a ambientação navarra em *El Resplandor de la Hoguera*, Valle-Inclán recupera a ideia dos cantos tradicionais da região:

Los soldados se apresuraban almohazando los caballos. Algunos, embozados en las mantas, bajaban al río, y sus cantos tenían una claridad juvenil en la mañana fría y lluviosa. Eran cantos regionales, donde se sentía el alma primitiva del pueblo, pastoril y guerrero. (VALLE-INCLÁN, 1999a, p. 157)

Além disso, há ecos milenários nas montanhas (2008a, 147) e o ambiente antigo é profanado pela guerra: “¡Aquel aire ermitaño y de milagro, con aroma de hierbas frescas, profanado por el humo de la pólvora!” (VALLE-INCLÁN, 1999a, p. 155)

Novamente na Galícia, desta vez ambientação de *Gerifaltes de antaño*, temos campos primitivos:

Y rodeado de sus ayudantes, dejando al caballo que mordiese la yerba del camino, tendía los ojos por el valle, todo en verdor y en paz. Era de un encanto primitivo, con la gracia de esos paisajes donde los evangelarios antiguos hacen florecer la infancia del Niño Jesús. Por los caminos blancos, entre mieses estremecidas, viñedos en fruto y dorados castañares, veían llegar nuevas tropas, que dejaban sin guarnición todas las villas desde Urdax a Tolosa. (VALLE-INCLÁN, 1999b, p. 49)

O esmero pela linguagem está presente em todo o texto, desde o cuidado na construção da estrutura da narrativa até na menção de elementos linguísticos regionais, como os personagens que falam em vascuense em *El Resplandor de la Hoguera* (p. 159), incluindo momentos de comunicação nas batalhas:

Y el otro permanecía sobre los peñascos haciendo un trenzado de zorcico: Vio rebotar la bala, y trenzando los pies, lanzó su grito animoso y antiguo:
- ¡Jujurujú! (VALLE-INCLÁN, 1999a, p. 153)

Este cuidado com a linguagem também é característica do modernismo, que busca matizes mais elaborados e cuidado com a forma. Toda a narrativa da trilogia é contada por personagens aristocráticos – Marqués de Bradomín, seu tio, Juan Montenegro e seu primo, Miguel Montenegro (Cara de Plata); membros do clero, como a Madre Abadesa María Isabel; membros da aristocracia, como a Condessa de Redín (que aparece pela primeira vez em *El Hesplandor de la Hoguera* e posteriormente, em *Gerifaltes de antaño*, onde curiosamente tem o seu título de nobreza alterado para Marquesa) e integrantes de cargos militares elevados. Eles são os protagonistas da história. Outros personagens, igualmente importantes na narrativa, mas de lugares sociais considerados menores, como Roquito e Santa Cruz (integrantes de um segmento do clero – o que adere à guerrilha – que desagrada a Valle-Inclán), são deformados através da estética do esperpento.

Estas características aproximam a trilogia aos dois movimentos, não totalmente, uma vez que a obra de Valle-Inclán, como afirmamos anteriormente, é singular e de difícil classificação, mas é inegável que terá características de um ou outro movimento, considerando que o autor era um homem de seu tempo e que dialogava de maneira muito próxima aos escritores dos dois movimentos. Isto mostra novamente o caráter ambíguo da escrita de Valle-Inclán, que o aproxima da geração de 98 e do modernismo e, ao mesmo tempo, ultrapassa os limites dos dois movimentos. Esta ambiguidade nos permite, então, considerar que a trilogia *La Guerra Carlista* é mais que modernista e geracionista, é uma obra da modernidade.

Esta ideia se relaciona, em parte, com a postura de Darío Villanueva (2005), que defende que a obra de Valle-Inclán ultrapassa o modernismo espanhol e se relaciona com um modernismo internacional:

El Modernismo del que se trata en este libro no se identifica con la renovación poética que tuvo en Rubén Darío su máxima figura en el ámbito hispano-americano sino que, por el contrario, se refiere al vasto movimiento internacional y cosmopolita que se desarrolló fundamentalmente en el primer tercio del siglo XX y dio sus mejores frutos en los años veinte de entreguerras; es decir, en las fechas en que Ramón del Valle-Inclán produjo sus obras fundamentales. (VILLANUEVA, 2005, p. 09)

Villanueva justifica sua postura defendendo que a obra de Valle-Inclán apresenta as características mais acentuadas deste modernismo internacional, como a ruptura vanguardista com os valores do século XIX, a celebração estética do presente e a busca experimental das possibilidades da arte na literatura.

4. *Considerações finais*

É evidente que a obra de Valle-Inclán comporta elementos que tradicionalmente são classificados como pertencentes ao modernismo e à geração de 98, no entanto, sua inovação e genialidade vão além das características de um movimento artístico, e deste modo também ultrapassa as características do modernismo internacional. Sua produção inovadora não se resume à escrita da ficção, ele também ficcionaliza sua vida e cria, junto com suas histórias, sua imagem como escritor. Sendo assim, é possível afirmar que a produção de Valle-Inclán é mais do que modernista (internacional), é moderna, isto é, integra a modernidade e se relaciona diretamente com o pensamento que envolve romper as estruturas existentes. Ela não está em função de movimentos artísticos e/ou literários, está em função do pensamento universal da modernidade. As tentativas de classificação de Valle-Inclán, por mais abrangentes, sempre serão limitadas. Com isso, entendemos que Valle-Inclán não é generacionista, nem modernista espanhol, nem modernista internacional. Valle-Inclán é um pensador da modernidade.

Referências

- ALVAR, Carlos; MAINER, José-Carlos; NAVARRO, Rosa. *Breve historia de la literatura española*. 1ª ed. Madrid: Alianza Editorial, 2012.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BURGUERA NADAL, María Luisa. Valle-Inclán Y El 98: Del Modernismo Al Esperpento. In: *Actas XXXIII. Congreso A cien años del 98*. Soria, 1999. Disponível em http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/aepe/pdf/congreso_33/congreso_33_18.pdf Acesso em: 04 fev. 2019.
- CASTAÑEDA ITURBIDE, Jaime. Ramón María Del Valle Inclán, El hijo pródigo de la Generación del 98. In: *Estudios* 102, vol. x, otoño 2012. Disponível em <http://biblioteca.itam.mx/estudios/100-110/102/JaimeCastanedaIturbideRamonMariadelValle.pdf> Acesso em: 31 jan. 2019.
- CEDRO, Marcelo. A modernidade em Marx e em Weber. In: *SBS – XII Congresso Brasileiro de Sociologia*. Grupo de Trabalho 23 – Teoria Sociológica. FAFICH/UFMG. 31/05 a 03/06/2005. Disponível em http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=63&Itemid=171 Acesso em: 21 dez. 2018.
- CHABÁS, Juan. *Literatura española contemporánea: 1898-1950*. La Habana: Cultural, 1952.
- CORRAL, Francisco. *El pensamiento cautivo de Rafael Barret: Crisis de fin de siglo, juventud del 98 y anarquismo*. Madrid: Siglo XXI, 1994.
- DÍAZ-PLAJA, Guillermo. *Historia de la literatura española*. Buenos Aires: Ciordia Editorial, 1971.
- DÍAZ-PLAJA, Guillermo. *Modernismo frente a noventa y ocho*. Madrid: Espasa-Calpe, 1979.
- EISENSTADT, Schlomo. Alternative modernities. In: *Deadelus* (American Academy of Arts and Science). Vol. 129, núm. 1. 2000.
- FUENTES, Eugenio. Valle-Inclán, escritor total. In: *Revista de libros Segunda época*. Disponível em: http://www.revistadelibros.com/articulos/valle-inclan-el-escriptor-total?&utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=nl20170419 Acesso em: 19 abr. 2017
- GARCÍA LÓPEZ, José. *Historia de la Literatura Española*. Barcelona: Vicens-Vives, 2009.
- GONZÁLEZ, Mario. *A literatura espanhola na cultura moderna*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2001.
- GULLÓN, Ricardo. *La invención del 98 y otros ensayos*. Madrid: Gredos, 1969.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HINTERHÄUSER, Hans. Valle-Inclán, autor de fin de siglo. In: IGLESIAS FEIJOO, Luis et alli (ed.). *Valle-Inclán y el Fin de Siglo*. Congreso Internacional, 23-28 de octubre, 1995, Santiago de Compostela. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 1997.

LAÍN ENTRALGO, Pedro. *La generación del noventa y ocho*. Madrid: Espasa-Calpe, 1967.

MAINER, José-Carlos. Azorín, medio siglo después. In: *Revista de libros*. Julio 2017. Disponível em: http://www.revistadelibros.com/articulos/azorin-medio-siglo-despues?&utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=nl20170712 Acesso em 20 jul. 2017.

MOLINA, Antonio. *La generación del 98*. Barcelona: Editorial Labor, 1968.

SALINAS, Pedro. *Ensayos de literatura hispánica*. Madrid: Aguilar, 1961.

TROUCHE, André Luiz Gonçalves. *Matrices Literarias Españolas*. Rio de Janeiro: CCAA Editora, 2008.

VALBUENA PRAT, Ángel. *Historia de la literatura española*. Barcelona: Editorial Gili Gaya, 1960. Tomo III.

VALLE-INCLÁN, Ramón del. *La Guerra Carlista I*. Los Cruzados de la Causa. 12ª ed. Madrid: Espasa-Calpe, 2008.

VALLE-INCLÁN, Ramón del. *La Guerra Carlista II*. El resplandor de la hoguera. 9ª ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1999a.

VALLE-INCLÁN, Ramón del. *La Guerra Carlista III*. Gerifaltes de antaño. 8ª ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1999b.

VILLANUEVA, Darío. *Valle-Inclán, novelista del modernismo*. Valencia: Tirant Lo Blanch, 2005.

ZAMBRANO, María. Valle-Inclán y la generación del 98. In: *Aurora. Papeles del "Seminario María Zambrano"*. nº 3, Barcelona, 2001, pp. 145-147. Publicado en *Semana*, Puerto Rico, 31 de marzo de 1965. Disponível em: http://www.ub.edu/smzambrano/documentos/Valle_Inclan_y_la_generacion_del_98.pdf Acesso em: 28 jan. 2017.

Recebido em 13/05/2019.

Aceito em 14/07/2019.